

A PARVONIA

Metralhar a Parvonia a cascas de pepino,
Esfaquear Prudhome, e apunhalar Calino...

G. Junqueira

ARTE

FOLHA AVULSA

CRITICA

Os das notas e os do campeche

E' muito discreta, muito pouco dada a mexericos e a falsos testemunhos esta boa terra de Guimarães, patria de homens notaveis e de bestas igualmente conhecidas.

Tem má fama a *Havaneza*, ali por cima do jardim.

Que se diz lá o diabo de quem passa, que se cortam casacas até as reduzirem ás propeções diminutas de jaquetas, dizem.

Isto porem é uma mentira, um falso testemunho, o unico levantado ha muitos annos nesta terra catholica, com cathedral e basilica.

Às vezes, porem, surge um tacto que se torna o alvo de conversações animadas.

Quando não é incidente politico, a deserção de um trunfo das fileiras de um partido ou outro, é, como ha dias, um caso de notas falsas em Braga com ramificações por aqui e por alem.

Levantou-se enorme ce-leuma, como se umas fossem mais falsas que outras, como se as do governo tivessem mais valor real ou artistico.

Homens detidos e incomunicaveis para averiguações, a imprensa a fazer uma herrata dos demonios, era o diabo!

Agora erguem-se rumores, parece até que muito se sabe de positivo ácerca de outras falsificações, bastante mais graves, porque arruinam a bolsa e a saude dos incautos.

Os jornaes da terra, d'esta vez, fecham-se n'um silencio circumspecto e grave.

Porque?

—São nossos amigos, dizem elles.

*

As pipas de campeche, agua do poço e outras drogas sabem e entram de noite, na cidade que dorme.

E se alguém presenciar a patifaria nocturna, os guardas do carro erguem o fueiro:

—São horas de andar por aqui a passear?

Marotos, não vos pesa o dinheiro roubado aos desgraçados?

Credo!

Peçam-lhe só as algibeiras vazias...

Engordae, engordae ô bravos *homens serios* que servis para dar estereo aos cemiterios...

6 de agosto

Sulan

ALERTA ESTÁ!

O «Vimaranense de 6 do corrente vem sublime.

Tem a sublimidade da asneira por poucos attingida.

Passa palavra clamando como nós: Alerta!

Convida os leitores a afastarem-se para deixarem passar os *Niños*, To e Bi, que veem curiosos.

A' cinto trazem facalhões de *pinho*, na mão bastão com chifre retorcido.

Chifre como accessorio de To-niño e bi-niño parece-me sufficientemente ambiguo.

E' verdade que a phantasia catholica dota com pontas o diabo. Tambem Miguel Angelo as deu ao seu Moysés, a estátua á qual o ar-

tista admirado da sua obra disse: *parta!*

Por causa das exerescencias já To-niño me quer ferir e falla-me na *armação*.

Saiba o «Vimaranense», e com elle o mundo inteiro, que o diabo não tem taes attributos e que muitos os possuem e não são diabos. Coitados!

Trazem monoculo *à dependura* (queriam dizer dependurado) e vestem fatos de *chêchês* muito pillos, como elles proprios.

Confessô não saber o que seja um *chêché*.

Na minha ignorancia zoologica julguei até, que fosse qualquer animal parente proximo dos solipedes; mas foi em vão que folheei trata-los de zoologia.

Ja agora se o «Vimaranense» se não explica em bom portuguez irei ao tumulto ignorando, para vergonha minha, a significação do substantivo abstruso.

O que os levou ao uso de tão extravagante vestuario foi a *mania*, como elles proprios confessam.

Que mania fosse é que ainda não está decidido.

Seria a megalomania, a cleptomania, a dipsomania, a arithmomania, o erotomania, o onomatomania, a pyromania ou a oniomania?

Impossivel dizer sem um exame demorado.

Deve porem ser mais complicado o seu estado pathologico.

Talvez a loucura com predominancia da graphomania e do delirio das perseguições.

Diz elle que trazemos as calças abertas onde as costas mudam de nome.

O argumento é fulminante.

Eu não dera ainda por tal, se não tinha pedido, já na redacção, um periodico para cubrir a parte exposta ao ar e ás investigações curiosas e farejadoras do escriptor.

Na cabeça, dizem, trazemos mi-tras de papel, elles trazem as pontas... perdão! as pontas trazem-nas elles na mão.

Aquillo deve ser intelligencia consolidada.

Nós gritamos e vociferamos como macacos, diz elle.

Tinha o maximo empenho em saber como que especie de macacos grito eu, e gritam os meus companheiros.

Deve ser, com certeza, como uma das quatro especies de anthropoides actualmente existentes no globo.

Será o nosso grito o—goeck, goeck!— ora manso, ora terrível de agíl e docil *gibbon* da Azia austral?

Será semelhante ao grito do taicturno orango de Sumatra?

Será anlaogo ao—who, who!—guttural do inoffensivo chimpanzé da Africa?

Ou será por ultimo parecido com o terrível—kh-ah, kh-ah! do gorilla bestial do Zaire e de Gabão?

Esperamos a resposta.

Os plunitivos do «Vimaranense» querem que nós sejamos, como os surdos-mudos e os cretinos, representantes do *Pithecanthropo* de Hæckel, o homem já, mas ainda alado, que apparecessem, por um caso atavico curioso, em pleno seculo XIX.

Enganam-se.

Aquellas cabriolas, que vão dando pelo jornal é que são phenomenos atavicos, que os aproximam, a elles, aos plunitivos, do gorilla.

O artigo vem gravido de sons onomatopaicos.

São do cabo de esquadra aquelles pum! pum! que irrompem a cada instante no meio do artigo.

Traz comparações estolidas de «A Parvonia» com *destroyers* é do seu periódico com cruzadores.

Se queria significar que os craneos e competentes encephalos dos collaboradores do «Vimaranense» teem a rigidez de couraças, temos percebido e já o sabiamos.

Falla na *carroça municipal*, em *estrumeira* e *fedorentina* como coisas muito do seu conhecimento.

Estes marotos, com tamanha estupidez e tão crassa ignorancia, devem ir longe.

Cambronne ajuda-me a terminar com phrase da predilecção d'elles.

7-VIII-98

O Dyabo



Tira-te lá não me enfarrusques

Acha-se o «Vimaranense» magoado nos seus joanetes de periodico serio, com secção poetica, pelo artigo que intitulei—Arreda porcahão!—

Imaginou o critico que eu lhe

chamara porco, quando no titulo me referia somente ao velho da Cruz de Pedra; e sobre isto sahe com uma verrina que intitulou «*Diz o tuchi à sertã...*», mostrando assim ao mesmo tempo erudição de proverbios e apreciaveis qualidades de polemista (apreciaveis porque fazem rir.)

Diz que eu zurzi o «Vimaranense» por fallar na parte opposta ao focinho de um cão, que logo abaixo envio um pontapé ás nádegas de um velho e triumphantemente, prelibando as delicias da victoria, atira-me esta pergunta:

Qual é mais porco, fallar na parte opposta ao focinho de um cão ou nas nádegas de um homem?

O' ignorante! O' maroto! tu não sabes o que sejam nádegas pelo visto.

Elle com arremedos de chiste, e graça lorpa, malto da inole do bi-semanario, pergunta-me se eu confundo as nádegas com as partes carnosas que ficam junto do nariz.

Não ignorante, não!

Se tal succedesse, se tivessem os zigomas tão salientes, que originassem tal confusão, tinha de chamar-te cara d'aquillo que o Senhor no Deutronomio promettia atacar de sarna e comichões, se os Hebreus não quizessem ouvir a sua voz. Abra a Biblia (Deutronomio Cap. XXVIII, 27) e leia.

Vá-se com esta!

Demais eu não maisinei a phrase, chamei-lhe até dizer de uma *graça infanda*.

A historia é que alcunhei de *labrintria* e *estereorosa*, porque o era na verdade.

Atirando assim uma carapuça a um velho cenobita com cachorro, o «Vimaranense» apanha-a no ar e encaixa-a triumphantemente na cabeça.

Achando-a um pouco larga corta-lhe a fazenda de sobra e atira-me o trapo. Pode ficar com tudo.

Ja agora lhe não mando entregar a carapuça ao legitimo dono.

Fique com ella para abafar as orelhas e occultal-as se attingem as proporções das do rei Midas.

Eu estranhara a noticia do beijo por pouco lido no «Vimaranense».

Hoje já me não admiro por saber que noticias d'esta ordem têm precedentes.

Em 23 de julho apparecera já uma outra noticia de graça duvidosa, mas de cheiro bem característico e pronunciado, graças a um vaso de noite despejado, do alto de uma janella, sobre um tocador de violão.

Vê-se que assumptos assim, são da predilecção do bi-semanario.

Já alguém aventou que elles be-

bem a sua graça salobra em vasos d'aquelle especie.

Talvez!

Tão gurrilts flores de graça atira não polia florj il-as o seu talento sem taes alubos, como dizia o grande Gamillo.

Que lhe preste!

Eu não lhe chamei porco, nem tão pouco lh'o chamarei sem averiguar primeiro se os representantes da raça suína, assim vulgarmente chamados, se melindrarão por lhe metter no gremio tal companheiro.

O do artigo não se mostra porco, mostra-se estúpido!

Não mandamos-lhe «a Parvonia» á redacção e o critico no fim o confessa.

Antes porem falla no nosso vestuario, a que chama *toilette* para se mostrar versado no francez.

Diz que se «a Parvonia» lhe não appareceu na redacção, foi por nós andarmos em mangas de camisa.

E lá na redacção, diz elle, em mangas de camisa entram somente gallégos de pau e corda.

Nós que julgavamos os gallégos feitos á nossa imagem e semelhança ficamos sabendo agora, mediante o «Vimaranense», que de pau e de corda são elles feitos.

Bem bom pau me parece o articulista!

De since, nós comprehendemolo. A proposição não indica aqui materia.

Queria fallar-nos dos gallégos que no Porto, em Lisboa e não sei se em mais alguma cidade ou villa fazem carretos por um systema onde entra o pau e a corda.

Estou a ouvir-o dizer:

Isso mesmo, seu Dyabo, isso mesmo!

Pois mentiu, que taes gallégos não existem em Guimarães.

Tambem portas a dentro da redacção está em mangas de camisa o creado encarregado da limpeza.

Pobre homem!

A limpeza d'aquelle antro deve ser tarefa penosa que se não pode fazer de casaco vestido.

Foi effectivamente imprudente nossa, fallar-lhes á mão em mangas de camisa e demais a mais arregaçados.

Deviamos ter vestido a casa das solemnidades para limpar esta cavallariça d'Augias.

Vae o «Vimaranense» ter pilhas de graça a commentar esta confissão que fazemos de pretendermos limpar cavallariças.

Por muito felizes nos damos se os nossos golpes tirarem faiscas de taes pedrneiras.

Sempre advertiremos que se nós

ou outros não acudirém a tempo, Guimarães perece numa epidemia de verso cujo foco é o «Vimaranense».

Diz o dō artigo que queríamos impedir que a «Parvonía» chegasse à redacção.

Isto não tem resposta sabido que, como elle confessa depois, lh'a enviámos.

Quando soubermos que alguém do periódico offerecia, n'um impeto de magnanimidade, dez tostões por um exemplar, mandamo-lh'o antes que dispenlesse o dinheiro.

Por ultimo para cupula da obra colossal e grandiosa, diz-me o critico desdenhoso, com um sorriso bogil nos labios:

Para terminar vimos dar um conselho ao nosso menino. Se vier a tirar segundo n.º do seu jornal peça á mamã que lhe reveja as provas.

Cala-te tratante! E ouve isto:

No folhetim do n.º 707 do «Vimaranense» que não passa de uma poesia publicada por Faustino no «Bardo» com data de 17 de junho de 1852 apparecem pelo menos 30 erros de pontuação, além dos versos trocados e das palavras que faltam.

A quem mandou o articulista as provas para rever, que vieram tão mal corrigidas?

Não foi decerto á sua mamã. Devia ter sidó ao tal creado de limpeza.

A critica, se critica é do «Vimaranense» á «Parvonía» veio precelida de enorme ruído.

O redactor dizia a alguém, vermelho, com grande superabundancia de gestos:

—Amnhã! Amanhã elles hão de ver o meu jornal!

Hão de limpar a cara áquelle guardanapo.

Não dizemos o que limpamos.

Seria equiparar-nos ao «Vimaranense» farejador de vasos de noite (veja noticia—*Uma boa peça*) e do espaço que medeia entre as epiphises superiores dos femures de um cão (veja noticia—*Um beijo desagradavel*—).

Declarámos não nos infundir temor a sátira burlesca do redactor do «Vimaranense» e dos seus bucellarios.

Em resumo:

O «Vimaranense» por meia duzia de phrazes nossas, levantou uma celeuma medonha.

E' que ellas doeram-lhe porque lhe tocaram.

Se o tivessesmos doestado, a calunnia resvalaria no arnez da innocencia.

O «Vimaranense» sentiu-se porque encontrou quem lhe dissesse a

verdade a que elle estava pouco habituado.

Tenha paciencia!

O DYABO

—*—*—*—

ADVERTENCIA

Se n'este papel impresso que não é diario, semanario, quinzenario ou periodico de qualquer especie, que se lhe hoje e só Deus e o Dyabo sabem quando tornará a sair, qualquer coisa existe, que fra profundamente ou superficialmente pise a religião, a moral, os bons costumes, as instituções vigentes ou os collegos, de tudo nos de dizemos, porque não foi nossa intenção ferir, pisar ou maguar qualquer d'essas respeitabilissimas coisas.

A VONTADE

Diz o «Vimaranense» que um burro (das suas relações é de suppor) pretende logar na mangedeura da «Parvonía».

Se se refere a nós á vontade.

Alem da palha ainda es tosquiámos para ficarem mais limpos e menos peludos.

O «Vimaranense» bem sabe.

«Pode entrar que o não empurro».

CONSUMATUM EST!

AO BI-NIÑO

Agradeco e retribuo nas duas moedas



La finlar o drama sangainario
Penlia, inerte já, quasi gelado,
O corpo d'esse heroico visionario
Jesus, o nazareno, um revoltado.

Inundava de luz inda o Calvario
O sol quasi a môrter, avermelhado.
Jesus morria inerme e solitario
A's mãos do sacerdocio allucinado.

O povo para a cruz erguia os braços,
Atirava-lhe injurias e pedradas.
E de Jesus os olhos ternos, baços

Fitavam-se nas gentes desvairadas,
Corriam-lhe d'espacos á espacos
Lagrímas pelas faces requeimadas.



Pela mente do Christo, n'esse instante,
Passavam, em tropel desordenado,
Recordações longiquas do passado
E da aldeia natal, lá tão distante...

D'esse sonho de luz inebriante,
Que alguém verá jamis realísado,
Despertou afinal, horrorísado,
Pregado no madeiro, agonísante.

Elle que o Bem sonhára e a Verdade,
Que buscara no mundo a Equidade
Sem que pudesse enfim tel-a encontrado.

Cheio de dôr e tedio d'esta vida,
Nada avistando para alem da vida
Disse morrendo:— Tudo consuma loi

João de Meira

BANDARILHAS

Com este titulo, acaba de ser publicado um artigo n'um dos periodicos da Parvonia e assignado por *El Magrito*, esfomeado... que ha pouco divagava pelas ruas da cidade e de que o «Vimaranense» se serviu, introduzindo-o na *estrebria* da redacção que o agraciou com o diploma de collaborador do citado bi-semanario.

Vamos ao artigo. Conta-nos *El Magrito*, que, no jardim do Toural, um homem de aspecto doentio soltava uns lastimosos *ais*, que chamavam a attenção de todos os circumstantes, que curiosos do estado do homensinho, lhe perguntavam o que tinha e ás quaes perguntas o sujeito parecia fazer ouvidos de mercador; mas apenas viu em volta de si um *sufficiente* numero de espectadores, lhes sai com esta:

.....ai!.....

Vai-te embora Antonio,

Vai-te embora vai...

Realmente o caso é engraçado.

Mas agora pergunto eu ao *El Magrito* se o facto se deu no jardim do Toural ou se apenas ouviu dizer que succedera no jardim da Gordoaria, no Porto, e que você para tornar o caso mais engraçado, o apresentara como realisado na Parvonia?

E caso se desse o facto na Parvonia, quem lhe disse que o homensinho tinha o aspecto doentio? Eu não acredito que o senhor estivesse dentro do jardim do Toural porque tal coisa não é permittida a nenhum dos membros dos jumentados; porem do que eu não duvido é de que *El Magrito* ouvisse os *ais*, porque embora andasse pela parte externa do jardim, com certeza, devido á enorme superficie do pavilhão acustico que naturalmente lhe adorna cada um dos ouvidos, os sons seriam mais concentrados.

Depois continua o artigo, dizendo que o tal homem se levantara de chofre e exclamara: «Meus senhores minhas senhoras. No domingo proximo realisa-se a *grande e imponente feira* denominada de S. Gualter. O meu pobre burrico que o abba de estima e eu não desprezo, por ser muito intelligente e ter aspirações a um cargo elevado na *mangedoura* da «Parvonia» chora que se desfaz, por ter a *claque* sem enchumaços e os *sapatos* sem tacões etc...etc...». *El Magrito* já adivinhaste quem fôsse o tal burro em que o homensinho fallara? Já com certeza, se até já o não sabias.

O tal homem viu, como eu vi muitas vezes, que quando te puxavam pela arreata para ires tomar os ares do campo, levavas os cascos

rompidos e estes sem ferraduras.

E depois *El Magrito* queria uma albarda com enchumaços para appareceres na feira de S. Gualter? Mas então não vias que havia uma grande desproporção entre o corpo de V. M. visto que é *magrito* e a fatiota que então ficaria muito *gordita*?

Depois fallas na *mangedoura* da «Parvonia» como querendo publicar que na «Parvonia» ha uma *mangedoura*. Ha sim uma *mangedoura* onde os *magros* de intelligencia como tu, *El Magrito*, devem ir tomar o penso da illustração, acompanhado de muita chibatada e lancetada, especialmente para ti, que tens inoculado o bacillo da estupidéz.

O Diabinho

TO NIÑO

Ao começar a escrever, acodeme esta pergunta que mil vezes me tem feifo.

— Mas quem é o To-niño?

Confesso que ignoro.

Elle succedeu nas *Piruetas* ao *Saltimbanco* e vae pinoteando muito regularmente.

Sei apenas da sua vida, o que elle, por vezes, confessa na versalhada.

Por meio d'ella averigui que To-niño é bebado, gastronomo, jogador, caloteiro, tratante, que escuta a visinhança e aspira a camarista.

Deem-se ao trabalho de verificar.

Elle foi á romaria do S. Torquato e conta depois:

Cheguei lá com tanta sede
E co'a guela tão secca
Que dei *tojus* á caneca
Que me deixou *ategrinho*.

Ha pouco foi ao theatro, mas como topasse fechado o *restaurante* diz-nos:

Só fiquei arreliado
Mas foi obra de um instante
Quando encontrei fechado
Do theatro o restaurante.

Suppomos que tencionava comer *sandwichs* e não pagar porque elle declara:

Compre lá o que comprar
Não pago nada a ninguem!

Joga o monte, sabe o que são *micos e saltos* em calão de *tavola-gen* como demonstra nos versos que principiam:

Fui outro dia á batota
P'ra ganhar uns vintensinhos
E perdi uns tostõesinhos, etc
Alem d'isso, podendo, faz a sua tratantada de que a politica o livra.

Aqui não ha muito tempo
Fiz eu uma tratantada,

diz elle. Mas alguem o aconselliou a
Que á politica pedisse.
e'ella, confessa To-niño:

Fez-me a coisa tão bem feita
Que fiquei condecorado.

Quando o assumpto escasseia procura ouvir as conversas da visinhança para escrever as *Piruetas*.
Elle proprio o diz. Ouçam-no:

Se até as minhas visinhas
Não ralham, e as vidinhas
Não contam p'ra eu escrever!

Apezar d'isto, tem elevadas aspirações, porque diz elle:

... Vou já fura que fura
A ver se sou nomeado
Membro na cam'ra futura.

E' tudo o que d'elle sabemos. Este sujeito esconjura-nos por todos os meios ao seu alcance, desde a cruz e a figa, até á agua benta. Diz-nos que o não apoquentemos, e mais:

Eu não canto as lindas noites
Nem dotes de namoradas
Nem estrellas prateadas
Nem ás moças digo tretas.

Ellas, as moças, ao verem-no passar, chamam:

— To-niño, To-niño, onde vae?
E elle de cá, com o rosto incendiado pelo pudor:

— Que vos importa raparigas? O que eu quero é a graça de Deus, que me livre do Dyabo.

E segue balançando as mãos.
Deve ser, pouco mais ao menos isto. Como elle parece conhecer-se a si proprio (raro merecimento quando diz):

Só gosto fazer saltar
A quem de tal precisar
Em mal feitas piruetas!
Nós deixamol-o na benemerita paz do esquecimento.